



Biblioteca Breve

SÉRIE MÚSICA

FREI MANUEL CARDOSO
COMPOSITOR PORTUGUÊS

(1566-1650)

COMISSÃO CONSULTIVA

FERNANDO NAMORA

Escritor

JOÃO DE FREITAS BRANCO

Prof. da Universidade Nova de Lisboa

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Prof. da Universidade Nova de Lisboa

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

Escritor e Cientista

HUMBERTO BAQUERO MORENO

Prof. da Universidade do Porto

JUSTINO MENDES DE ALMEIDA

Doutor em Filologia Clássica pela Univ. de Lisboa

DIRECTOR DA PUBLICAÇÃO

ÁLVARO SALEMA

JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA

Frei Manuel Cardoso
compositor português
(1566-1650)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Título

Frei Manuel Cardoso
compositor português
(1566 – 1650)

Biblioteca Breve / Volume 75

1.ª edição — 1983

Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
Ministério da Educação e Cultura

© *Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*
Divisão de Publicações

Praça do Príncipe Real, 14-1.º, 1200 Lisboa
Direitos de tradução, reprodução e adaptação,
reservados para todos os países

Tiragem

5000 exemplares

Coordenação Geral

A. Beja Madeira

Orientação Gráfica

Luís Correia

Distribuição Comercial

Livraria Bertrand, SARL
Apartado 37, Amadora — Portugal

Composição e impressão

Oficinas Gráficas da Minerva do Comércio
de Veiga & Antunes, Lda.
Trav. da Oliveira à Estrela, 10.

Setembro 1983

*À memória
de Mário de Sampaio Ribeiro
e ao seu exemplar apego
aos valores mais altos
da alma portuguesa*

ÍNDICE

I / APRESENTAÇÃO.....	7
II / OS PRIMEIROS ANOS	11
III / O CARMELITA	20
IV / PARECER DOS CONTEMPORÂNEOS	28
V / DESCRIÇÃO DA OBRA	35
1. Primeiras publicações	35
2. Sequência da obra	48
3. A Missa Filipina.....	65
4. A última obra publicada.....	75
VI /CONCLUSÃO.....	96
BIBLIOGRAFIA E OBRA IMPRESSA	97

I / APRESENTAÇÃO

Frei Manuel Cardoso pertence a uma notável geração de compositores portugueses que marcaram a sua presença indelével na história da nossa cultura musical nos séculos XVI e XVII. Conhecida por «geração dos polifonistas», em virtude do estilo contrapontístico então em voga, foram eles os obreiros de um capítulo referido aos domínios da arte da música demonstrando com inegável brilho a nossa conotação espiritual com as raízes da cultura europeia no terreno da evolução da música.

É certo que este capítulo, inserido no nosso historial de povo independente, só pode ser objecto de análise para reduzido número de pessoas pela singela razão de terem usado uma linguagem específica, a da música, não obstante o seu carácter universal. Todavia, essa dificuldade não nos deve impedir o acesso ao conhecimento directo dos compositores que, exprimindo-se em termos técnicos ditados pelas regras da Arte da Música, souberam afirmar-se expressivamente como elementos humanos da nossa linhagem portuguesa dotada de sensibilidade própria, vincadamente humana e cristã.

Proponho-me nestas páginas tratar do compositor que se chamou Manuel Cardoso. Previno os leitores, desde já, de que não cederei à tentação fácil de alçapremar às nuvens o meu biografado transportando-o nas asas da fantasia para um mundo irreal. Tudo quanto escrever a seu respeito terá o encosto da documentação e o riquíssimo manancial da obra publicada. Isso de abrir sinais de preferência em cartório próprio quando a matéria é a Arte, acaba sempre em situação irrelevante e perigosa em termos de juízo crítico. Cautelosamente, apenas se dirá que Manuel Cardoso é um dos grandes mestres da nossa polifonia. Mas, o que deve ficar bem esclarecido, antes de mais nada, é que, tanto os que viram as suas obras publicadas como outros que não tiveram a mesma sorte, e foram muitos, tiveram meios adequados à aprendizagem dos segredos da arte musical e escreveram-na na fidelidade ao enquadramento da época em que viveram. Os recursos da técnica foram postos ao serviço dum determinado espírito religioso cujo substracto literário se reduziu às formas da música da liturgia e às da paraliturgia que então se praticava com os vilancicos, cuja presença na Península chegou quase a ser uma obsessão.

Estabelecida esta reserva preliminar, acrescenta-se desde já que Frei Manuel Cardoso é, entre os seus pares portugueses, o primeiro no respeitante ao volume da obra publicada. Refiro-me aos seus cinco livros de estante, ou facistol, que somam 522 folhas de música impressa desde o ano de 1613 a 1648, o que representa, em páginas modernamente transcritas, o impressionante número de 906. Não será muito se o compararmos com Palestrina, Orlando Lasso ou Victoria, mas, entre nós,

aqueles números marcam um limite não alcançado por nenhum outro compositor português contemporâneo. É certo que não nos devemos deixar iludir com o factor quantidade atribuindo-lhe valor absoluto inaceitável como critério judicativo. Mas, é evidente que a reputação dum artista tem maior ou menor probabilidade de crescer ou diminuir consoante o volume de elementos de análise que estiverem ao alcance da crítica. E este é o caso de Frei Manuel Cardoso: ter a seu favor um largo espólio de composições polifónicas que são matéria mais que suficiente para sobre ele se poder estabelecer em moldes correctos um perfil artístico.

E, para ajudar os leitores menos familiarizados com a época constante da nossa biografia, convém esclarecer que nesses tempos não se patrocinava nem mesmo se consentia o triunfo da mediocridade no terreno exigente da música destinada à liturgia, situação perfeitamente ao revés do que se passa em pleno século XX. Nem sequer existiam firmas comerciais com departamentos de propaganda destinados a trombetear nomes alcandorados aos cumes duma fama mais que suspeita, por demasiado interessada. Um artista que ousava afrontar o público com a sua obra em caracteres de imprensa, era sempre, pelo menos, um mais que correcto conhecedor dos segredos da arte que praticava. Podemos recusar, por prudência, denominá-los de génios, mas não devemos negar-lhes o simples título de Artistas com maiúscula. E só o facto de não termos outros, seria razão suficiente para os estimarmos e apreciarmos mais, por serem portugueses e por terem na nossa vida colectiva deixado as marcas da sua passagem pelo tempo. Nem lhes diminui o real valor

comprovado nas obras chegadas até nós a circunstância de se contarem pelos dedos os coros portugueses em condições de saberem executar a polifonia de Mestres como Frei Manuel Cardoso. Isso só abona a medíocre qualidade da maioria dos coros que temos e nada tem a ver com a verdadeira qualidade da música como documento perene dum mundo espiritual e artístico pairando em esferas que não se compadecem com o baixo nível a que descemos também nesta matéria.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

